**ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARTICIPATIVA EM EDUCAÇÃO VISUAL – Caso das escolas Lhanguene Piloto e São Joaquim na Cidade de Maputo**

João Luis Andissene

É estudante e professor da disciplina de educação visual

Índice Pág.

[Resumo 2](#_Toc523052259)

[Abstract 2](#_Toc523052260)

[1. Introdução 3](#_Toc523052261)

[1.2. Estratégias de Ensino e Aprendizagem em Educação Visual 5](#_Toc523052262)

[1.2.1. Trabalhar com a turma inteira 6](#_Toc523052263)

[1.2.2. Trabalhar em grupo 7](#_Toc523052264)

[1.2.3. Trabalhar aos pares 8](#_Toc523052265)

[1.2.4. Trabalhar individualmente 10](#_Toc523052266)

[1.3. Aprendizagem Participativa em EV 11](#_Toc523052267)

[2. OPÇÃO METODOLÓGICA 12](#_Toc523052268)

[2.1. Tipo de Pesquisa 13](#_Toc523052269)

[2.2. Método de Abordagem 14](#_Toc523052270)

[2.3. Área de Pesquisa 14](#_Toc523052271)

[3. Conclusão 15](#_Toc523052272)

[4. Bibliografia 16](#_Toc523052273)

# 

# Resumo

O processo de ensino e aprendizagem depende de estratégias que visam provocar no aprendiz uma mudança de comportamento, caso contrario pode se considera que este não ocorreu. Para uma disciplina como educação visual há necessidade de investir nas estratégias mais acertadas para tornar mais agradável a aula desta disciplina que logo a partida é considerada difícil.

Este estudo decorreu na cidade de Maputo em duas escolas nomeadamente escola Comunitária São Joaquim e escola Primaria de Lhanguene Piloto no ano de 2013.

**Palavras chave:** educação visual e estratégias de ensino

# Abstract

The process of teaching and learning depends on strategies that aim to provoke in the learner a change of behavior, otherwise it can be considered that this did not occur. For a discipline such as visual education there is a need to invest in the most appropriate strategies to make the class of this discipline more enjoyable, which is considered difficult to start.

This study took place in the city of Maputo in two schools, namely the São Joaquim Community School and the Lhanguene Piloto Primary School in 2013.

Keywords: visual education and teaching strategies

# 1. Introdução

O sucesso de ensino e aprendizagem (EA) está inequivocamente dependente da utilização de estratégias adequadas para a sua implementação. Quando bem implementadas, ajudam a melhorar o PEA. No âmbito das práticas pedagógicas, decorridas nos anos de 2010 a 2012, verificaram-se fenómenos que induziam a ideias de que os alunos estavam dependentes somente do professor no que se refere ao PEA. Ao que se entende, a prestação do aluno deve ser mais participativa, facto este que melhora cada vez mais o processo em causa. Olhando para esta posição dos alunos, levantou-se a seguinte questão:

Que estratégias de ensino podem ser implementadas para tornar a aprendizagem mais participativa dos alunos nas aulas de Educação Visual?

Para responder a esta questão foi desenvolvido um estudo que visava, avaliar os níveis de participação dos alunos na aprendizagem, resultante das actuais estratégias usadas; e verificar o nível de satisfação do professor com relação à participação dos seus alunos.

Entende-se que a aprendizagem é um processo que culmina com a mudança de comportamento relativamente ao estado inicial. Em ultima análise, depois de uma aprendizagem, um indivíduo deve ser capaz de responder às questões impostas referentes o que outrora aprendera, caso contrario não terá aprendido. Para que ocorra a aprendizagem propriamente dita é importante que se usem estratégias capazes de promover ou facilitar o processo em causa, e este processo só poderá trazer resultados satisfatórios se o aprendiz for activamente participativo.

À medida que o aprendiz participa, dinamiza o ensino e, sem dúvida, passa da posição de um ser passivo para um ser activo, contrariando o pensamento moderno da escola nova. Assim, “o professor agirá como um estimulador e orientador da aprendizagem cuja iniciativa principal caberá ao aluno” (aprendiz) (PILETTI; 2004, p.30).

As razões que levaram a pesquisa deste assunto referente a estratégias derivaram dos fenómenos observados no âmbito das Práticas Pedagógicas (PP’s) em algumas instituições de ensino, tais são os casos das escolas: Secundária de Boane na província de Maputo, Primária de Lhanguene Piloto, Comunitária São Joaquim estas últimas na cidade de Maputo. Os fenómenos observados evidenciavam a presença de uma forma de ensino tradicional, ou seja, casos em que o aluno continuava simplesmente a escutar o professor dando a ideia de que *o professor é o único detentor do saber*.

Com este estudo espera-se que venha a ser útil à medida em que possam ajudar na reflexão e definição de acções estratégicas voltadas à promoção da participação dos alunos nas aulas como forma de desenvolver o gosto pela disciplina de educação visual, bem como o alcance dos objectivos pré-definidos.

* 1. **Disciplina de educação Visual**

A Educação Visual é na sua essência uma disciplina prática que visa desenvolver nos alunos a destreza manual, através de diferentes técnicas de expressão, o sentido de organização de espaços físicos e pictóricos, de estética e gosto pelo belo, entre outras qualidades, como a analítico-crítica de comunicação através da imagem. (MINED, 2009)

Segundo SAMUEL (2004, p.1) a educação Visual “é uma disciplina cuja aprendizagem é feita através de trabalhos práticos, realizados pelos alunos com o acompanhamento do professor”.

Por sua vez, ALMEIDA e VELOSO (s/d, p.10) afirmam que aEducação Visual é mais do que ver, mais do que observar, é agir. Nesta disciplina o aluno desenvolve as habilidades psico-motoras, de observação e olhar crítico enquanto ser integrante e explorador do meio envolvente. Daí que se torna importante o estudo de EV, pois proporcionam conhecimentos que o homem precisou e sempre vai precisar para compreender, interpretar e representar os diversos fenómenos que o rodeiam.

Neste três posicionamentos a cima a tónica patente é o desenvolvimento de habilidades práticas. O carácter prático reflecte-se no saber fazer alguma coisa, quer seja em conjunto quer seja individualmente.

## Estratégias de Ensino e Aprendizagem em Educação Visual

O termo «estratégia» foi primeiramente usado em contextos militares conotando "a arte de projectar e dirigir grandes movimentos militares" (Gran Enciclopédia Catalana, 1978, citado por FONT, 2007, p.32). Este termo, foi apropriado ao ensino e aprendizagem, que se entende, como um conjunto de técnicas e métodos que podem ser usadas para conduzir de forma eficaz o PEA.

Para PETRUCCI e BATISTON (2006, p. 263) o termo «estratégia» possui uma inevitável ligação com o ensino. Deste modo, ensinar requer uma arte da parte do professor, que precisa puxar o aluno e fazer com que ele se sinta motivado com o saber (aprender).

Deste modo, o termo estratégias de ensino refere-se aos meios utilizados pelos professores na condução do PEA, de acordo com as características de cada actividade (ANASTASIU e ALVES, 2004, p.71).

*Estratégias de Aprendizagem compreendem actividades de processamento facilitadoras de aquisição, retenção, recuperação e uso posterior de novas informações, elas englobam também comportamentos adoptados pelo indivíduo, direccionados à aprendizagem e utilização de novos conhecimentos e habilidades* (PANTOJA e BORGES - ANDRADE, 2009, p.47).

De acordo com as ideias avançadas pelos autores anteriormente citados, pode-se dizer que as estratégias de ensino e aprendizagem visam o alcance de um objectivo, bem como a melhoria do PEA. Contudo, se o objectivo do uso de estratégias é melhorar o ensino através dos meios que traduzam resultados concretos, deve-se seleccionar ou construir procedimentos que conduzam a esses mesmos bons resultados, tendo em conta a dinâmica do tempo (actualidade).

“As estratégias são sempre conscientes e intencionais, orientadas para um objectivo relacionado com a aprendizagem. A estratégia é considerada como guia de acções a realizar”(FONT, *op. cit*.). Eis algumas estratégias usadas no ensino e aprendizagem.

* Trabalhar com a turma inteira;
* Trabalhar em grupo;
* Trabalhar aos pares;
* Trabalhar individualmente.



Trabalho individual (Fonte: o autor)

### 1.2.1. Trabalhar com a turma inteira

Esta é uma estratégia que devido ao número de alunos numa turma leva ao professor optar pelo método expositivo, devido a pressão do factor tempo. Segundo QUIST (2007, p.64), trabalhar com toda a turma está, muitas vezes, associado à abordagem tradicional do ensino. Este método é, por vezes, criticado por estar centrado no professor, pois o coloca no controlo total do PEA.

Para trabalhar com a turma inteira é necessário antes de mais certificar se os alunos estão prontos para trabalhar, feito isto apresenta-se o novo tema, isto vai ajudar a chamar a atenção e o interesse do aluno e igualmente ajudará a descobrir o que o aluno já sabe.

Puxando este raciocínio do autor, pode-se dizer que, para o caso de uma disciplina prática que é a EV, o aluno pode até não saber representar as projecções de um objecto, por exemplo, mais tem que se explorar o facto de ele ter visto ou ter ouvido falar das projecções, porque o que acontece muitas vezes, é que o aluno pensa que o que está ou tende representar (desenhar) não existe ou não acontece no seu meio envolvente, pesembora o uso de linguagens visuais.

De acordo com MUNARI (1968, p.18) grande parte da linguagem visual é conhecida, mas há sempre em dia a documentação sobre o assunto, e a experimentação pessoal é a que melhor ensina.

Por se tratar mesmo de uma disciplina prática é importante dar as instruções, dizer como se deve realizar o trabalho (procedimentos).

Ao usar esta estratégia há que ter cuidado, pois no que concerne a participação dos alunos existirá sempre a preocupação dos alunos em querer responder ou questionar certos aspectos sobre o exercício, visto que estarão preocupados em capturar a atenção do professor. Na participação haverá de certeza um aluno que quererá participar ou contribuir mais vezes na aula, em detrimento de tantos outros. Entretanto, o professor deve procurar dar oportunidade para todos e clarificar que todos devem participar na aula. (QUIST, 2007, p.64-65)

Aqui o autor chama a atenção do que se deve ter em conta no uso desta estratégia, visto que tratando-se de um método que geralmente se usa em turmas numerosas, assume-se que logo a partida que o professor terá enumeras dificuldades para descortinar a prestação em termos participativos de cada aluno. Por ser então uma estratégia centrada no professor, entende-se que entra em choque com as novas tendências de condução do PEA.

### 1.2.2. Trabalhar em grupo

O trabalho em grupo é um processo que consiste em pôr dois ou mais alunos a trabalharem ou colaborarem no desenvolvimento de uma actividade ou exercício. Nesta estratégia, os alunos desenvolvem o intercâmbio das ideias e experiências sobre o exercício ou actividade a desenvolver, onde igualmente os alunos aprenderão a aprender através das descobertas.

Segundo, QUIST (2007, p.66), este é um método de ensino menos formal e centrado no aluno. O trabalho em grupo é mais exigente do que a aplicação de outros métodos de ensino. Neste método é necessário fornecer pistas ou dicas especiais para que os grupos trabalhem em conjunto, de forma eficaz. Daí a necessidade da sua planificação atempada e cuidadosa. Este método tem valor importante, porque:

* Desenvolve no aluno as habilidades sociais do aprender a trabalhar em conjunto;
* Aumenta a independência pois, os indivíduos aprendem que não precisam de ter que perguntar ao professor o que fazer em seguida;
* Atingir maiores níveis de compreensão e, simultaneamente, aprender a falar uns com os outros sobre a planificação e a organização de certas tarefas, incluindo o seu conteúdo.

Para a realização do trabalho, os alunos deverão estar sentados em grupos ou mesmo em pé em volta das carteiras, em seguida o professor deverá fornecer pista ou dicas especiais que todos devem trabalhar em equipa.

Entende-se que, no caso de EV, numa tarefa a ser realizada em grupo, por exemplo num trabalho de planificação de embalagens, uns devem ser encarregados a desenhar o protótipo e a sua respectiva cotagem, os outros serão responsáveis a redesenhar numa cartolina e, por fim outros deverão recortar, colar e fazer os acabamentos de toda a embalagem, dando beleza (através da colagem, pintura e outros efeitos).

Para que a aplicação desta estratégia seja um sucesso, o professor deverá dar instruções claras antes de começar a actividade e certificando-se do tempo que a actividade vai levar. Depois de começar a actividade, o professor deverá circular na sala, observando como os elementos do grupo estarão a se portar. Um dos aspectos negativos nessa forma de trabalho é que por causa das conversas (discussões) entre os elementos em cada grupo, poderão de certa forma perturbar uns aos outros (grupo a grupo) na sala. (QUIST, 2007, p.66).

### 1.2.3. Trabalhar aos pares

Este é um método que possibilita um equilíbrio entre os intervenientes do grupo que poderão partilhar a aprendizagem de forma eficaz, onde os estudantes mais fracos serão aliados aos estudantes mais fortes. Este método assegura que a maior parte dos alunos da turma esteja activamente envolvidos na aula.

Segundo QUIST (2006, p.68) os estudos revelam que os pares aprendem muito mais se tiverem oportunidades de partilhar, discutir e desafiar as ideias de uns dos outros. Ainda mais pode-se dizer sobre o trabalho aos pares, visto que nesta união entre os alunos um mais forte e outro menos forte, o mais forte poderá funcionar como um facilitador (colega-explicador) do PEA para outro colega.

O colega-explicador é um método que agrupa um aluno mais capacitado e outro com dificuldades de aprendizagem específicas. Nem todos têm a mesma possibilidade de ler e representar rapidamente as mensagens visuais, mesmo sabendo-se que a imagem tem um valor imediato e objectivo, de outro modo, encontra-se no meio envolvente códigos mais ou menos secretos, pelo que algumas mensagens são percebidas apenas por poucas pessoas (MUNARI, 1968, p.19).

Partindo das ideais de QUIST (2006, p.69) sobre a disciplina de Educação Física, procurou-se enquadrar essas ideais para EV que já a seguir apontam-se as vantagens que este método pode dar:

* Desenvolver as habilidades de observação e destreza manual. O parceiro mais ágil descobri e explica ao colega menos ágil, ou o seja, o parceiro mais ágil faz um desenho e o outro em seguida imita exactamente o exercício; a vantagem imediata neste método é que, um aluno poderá falar frontalmente com o colega (parceiro) sem receio algum, o que com professor não pode acontecer ou se pode tornar difícil.
* Os pares podem também desenvolver um bom trabalho de acordo com a habilidade de cada um. Por exemplo, na pintura de uma tela trabalhada por dois alunos, podem sair efeitos extremamente interessantes, pois, cada um tem uma forma diferente de deslizar ou movimentar o pincel pela tela.

As ideias avançadas elucidam que os trabalhos serão encaminhados pelos próprios alunos que serão equilibrados de acordo com a capacidade de cada um deles. Assim, neste trabalho de equipa deverá se ter um aluno mais habilidoso que poderá funcionar como facilitador do processo. Esta forma de trabalhar é positiva, visto que os alunos entre si têm uma comunicação de amizade devido aos níveis de aproximação o que é difícil quando comparada com o professor.

### 

### 1.2.4. Trabalhar individualmente

Este método consiste em desenvolver a aprendizagem individual do aluno e ao professor caberá a missão de identificar o aluno, carecendo de esclarecimento para fazer face à actividade. O objectivo deste método é corrigir erros e evitar comparações entre um estudante fraco com outros colegas mais inteligentes da turma. É neste método que se descobrem os alunos mais hábeis da turma.

Para a implementação desta estratégia, o professor apresenta o exercício e clarifica o que for necessário para a actividade, de uma forma geral para a turma toda, evidentemente deixando claro o que os alunos deverão trabalhar individualmente.

Nesta forma de trabalhar, o professor deverá seguir de lugar em lugar para avaliar os trabalhos dos estudantes, que no caso de notar alguma irregularidade rectificar rapidamente, pois isto, ajudará a elevar a autoconfiança, auto-estima e o respeito consigo próprio.

A razão que leva o professor a andar de carteira em carteira ou de aluno em aluno para tirar dúvidas é o facto de acautelar possíveis erros na realização de tarefas. Senão vejamos: por exemplo, numa aula de representação de alguns elementos do meio envolvente, os alunos poderão representar elementos que o professor não pediu no exercício, aí avança-se a ideia de que *cada qual vê aquilo que sabe* (MUNARI, 1968, p.19). Por este facto o professor deve estar atento na resolução do exercício.

Em linhas gerais, pode-se assumir que várias são as estratégias que podem ser usadas para encaminhamento do PEA, porém, a escolha de uma estratégia vai depender das características dos conteúdos de ensino e dos próprios alunos, aliás a escolha das estratégias não se deve fazer ao acaso, deve-se sim analisar os conteúdos tendo em conta as habilidades necessárias para a execução dos objectivos a serem alcançados.

As estratégias trazidas no presente trabalho, fica claro que elas dão primazia ao professor enquanto principal condutor do PEA, pois é ele que identifica as características dos seus alunos, afinal de contas lida diariamente com eles, bem como é o professor que apropria os conteúdos aos seus educandos.

### 1.3. Aprendizagem Participativa em EV

A aprendizagem é o processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente de padrões e novas formas de perceber e agir (PILETTI, 2004, p.36). O mesmo autor, citando MCCONNELL (s/d, p.36) sustenta que a aprendizagem é a progressiva mudança de comportamento que está ligada de um lado, a sucessivas apresentações de uma situação e, do outro a repetidos esforços de indivíduos para enfrentá-la de maneira eficiente.

Segundo PILETTI (2008, p.32) a aprendizagem é uma modificação na disposição ou na capacidade do Homem; modificação essa que pode ser anulada e que não pode simplesmente ser atribuída ao processo de crescimento.

Partindo da abordagem que LUCK (2009, p.18) faz, considerar-se que, o termo «participativa» é inerente ao envolvimento de todos os interessados (no nosso caso os alunos) no processo de aprendizagem. Esta abordagem amplia, o acervo de habilidades e experiências que podem ser aplicadas no processo de ensino e aprendizagem.

«*A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de actuação consciente, pela qual membros de uma unidade social reconhecem e assumem o seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade social, de sua cultura e de seus resultados, …»*. (LUCK, 1996 citado por LUCK, 2009, p.18-19)

Partindo da definição que o autor supracitado faz da *gestão participativa*, pode-se considerar que a aprendizagem participativa é um processo de mudança do comportamento relativamente ao inicial que é protagonizada, essencialmente pelo aluno, isto é, há uma forma regular e significante do envolvimento do aluno no processo da aprendizagem. Em outros termos, a aprendizagem participativa é aquela que o aluno torna o desconhecido em conhecido, o estranho em familiar.

Para que a aprendizagem seja participativa o professor deve usar os meios didácticos de forma frequente para que os alunos tenham uma posição crítica de cenários a serem representados, ou seja, à medida que o professor traz exemplos claros (pinturas, esculturas, fotografias e mais) para uma aula poder suscitar um instinto de curiosidade, dúvida e que naturalmente provocará uma reacção para intervenção dos alunos. Ao acontecer isto, os alunos estariam a participar no PEA. Assim, de acordo com as ideias do SOUSA (1995, p.28), acredita-se que para se elevar a participação dos alunos deve-se:

Expor reproduções de obras de arte em que a realidade contemporânea seja abordada, este facto poderá suscitar conflitos e opiniões deferentes para fomentar a reflexão;

Revelar tranquilidade, firmeza, compreensão, entusiasmo, alegria pois, desta forma, os alunos terão a motivação para querer saber mais, pois sentem que o professor é bem conceituado nos conteúdos;

Pôr os alunos a apreciarem aspectos relacionados com o conteúdo da aula fora da sala de aulas, como nos museus, nas galerias, até mesmo na natureza e no meio envolvente.

# OPÇÃO METODOLÓGICA

O estudo recaiu sobre 4 professores de EV e 738 alunos (dados fornecidos pelas direcções das escolas) da 10ª classe das escolas, São Joaquim e Lhanguene Piloto. Que calculado a amostra foram obtidos 58 alunos da 10ª classe e 4 professores de EV (ao todo 66 elementos).

Assim, escola, foram tirados 31 alunos e 2 professores. Os alunos e professores participantes no estudo foram constituídos apenas por aqueles que frequentam e leccionam o curso diurno a nível do turno da tarde nas duas escolas.

“n= [(Z .α½)2p.q]/E2” recomendada por TRIOLA (2005, p.238)

Assim, para este cálculo da amostra teve-se em conta 90% *nível de confiança*, 1,645 *valor crítico* (valores constantes, 1ª linha na tabela) abaixo.

n= [(Z .α½)2p.q]/E2= [(1,645)2\*742\*0,1]: 0,09 2= 62

Onde:

n – Amostra;

Z.α½ – Valor Critico ao nível de significância α;

p – População (Universo)

q – Proporção amostral de fracassos em amostra de tamanho n – q=(1-p);

E – Erro.

Para os valores da amostra anteriormente referidos obteve-se os seguintes valores:

Z= 1,645 e α=0,10 (valores constantes, segundo a tabela abaixo)

p=90% ou 0,9, onde q=0,1

E=9% ou 0,09 ;

## 2.1. Tipo de Pesquisa

A pesquisa qualitativa foi o tipo eleito para esse estudo. Visto que, após ter-se observado e colhido dados do fenómeno em estudo, teve-se que tirar ilações do mesmo, e essas ilações só foram abordadas de forma qualitativa.

A pesquisa qualitativa é também considerada pesquisa descritiva. “Na pesquisa descritiva, os pesquisadores interessam-se muito pelo processo do que pelos resultados, examinam os dados através do método indutivo e privilegiam os significados” (Bogdan e bikler, s/d *apud.* Boaventura, 2007, p.56).

Segundo GIL (1991) citado por RIBEIRO (2004, p.14) na pesquisa qualitativa “considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e subjectivo do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Ela não requereu, necessariamente, o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural foi a fonte directa para a colecta de dados e o pesquisador desempenhou um papel chave. Os pesquisadores tendem a analisar os dados colhidos indutivamente. O processo e o seu significado são focos principais de abordagens.

Os autores supracitados elucidam que neste tipo de pesquisa, o mais importante não é apresentação dos dados numéricos, porém a descrição e interpretação dos fenómenos do estudo.

## 2.2. Método de Abordagem

De acordo com as características da pesquisa qualitativa e do fenómeno pesquisado, o método de abordagem que mais se adequava ao estudo foi o método indutivo. A escolha deste método teve a ver, com o facto de, no trabalho de campo não terem sido estudados todos elementos, de forma individual, mais sim foi seleccionado uma porção desses elementos (amostra das escolas: ECSJ e EPLP), que posteriormente foram analisados. De acordo com o resultado chegou-se a conclusão geral partindo do particular.

Segundo MARCONI e LAKATOS (2001, p.47) a “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas. O objectivo dos argumentos é levar a conclusões cujos conteúdos são muito mais amplos do que os das premissas nas quais se basearam”.

## 2.3. Área de Pesquisa

A área de pesquisa compreende duas escolas nomeadamente: São Joaquim e Lhanguene Piloto ambas do distrito Kalhamankulo, na cidade de Maputo. Estas escolas leccionam o nível secundário do 1º ciclo do SNE. A escola São Joaquim fica próxima ao IFP da Munhuana, e localiza-se entre as avenidas Joaquim Chissano e de Angola; a Lhanguene Piloto fica em frente ao Hospital Geral José Macamo entre EN4 e a rua de Chamanculo ‘’C’’.

Para a colheita de informações neste áreas foram recorreu-se as técnicas de observação directa e observação indirecta.

As informações colhidas foram divididas em três grupos: Estratégias usadas pelo Professor de EV; Nível de Participação dos Alunos nas Aulas e Satisfação do Professor em relação a Participação dos Alunos.

Assim em relação as estratégias usadas pelos professores nesta escolas foi evidente o uso excessivo do trabalho independente.

A nível de participação dos alunos, os dados sugeriram que a participação esta aquém das espectativas e em relação a satisfação do professor em relação a participação dos alunos o estudo mostrou que a satisfação dos professores era normal.

# 3. Conclusão

Com o estudo, foi possível colher informações do que acontece nas aulas de EV, sobretudo no que tange as estratégias de ensino e aprendizagem. Assim avançaram-se algumas ideias como resultado do estudo feito. Porém essas ideias permite-nos dizer que:

Os resultados do estudo evidenciam que a estratégia que largamente é usada pelo professor na condução das aulas é o trabalho individual, o que permite concluir que os professores pouco exploram outras forma de trabalhar pesembora existam tantas estratégias de ensino e aprendizagem.

# 4. Bibliografia

BARAÑANO, Ana Maria. *Métodos Técnicas de Investigação em Gestão*, Lisboa, silabo. 1ª ed. 2008.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte – Educação: Leitura no Subsolo,* São Paulo, Cortez, 6ª ed. 2005.

COELHO, António Quaresma, *Educação Visual 8*. Constância, 1ª ed, 1996.

FONT, Carles Monereo, *Estratégias de Ensino e Aprendizagem*, Lisboa. Asa, 1ª ed. 2007.

Gil, António Carlos. *Como elaborar projectos de pesquisa*. São Paulo, Atlas, 4a ed. 2002.

HILL, Manuela Magalhães & HILL, Andew, *Investigação por Questionário*, Sílobo, 2ª ed., s/d.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 6aed. 2001.

LUCK, Heloísa e et all, *A Escola Participativa: trabalho do gestor escolar*. São Paulo; Vozes, 6ª ed., 2009.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. *Programa de Educação Visual, 10ª Classe*, 2009.

MUNARI, Bruno; *Design e Comunicação Visual - Arte e Comunicação*, Lisboa, Edições 70. 1968.

NIVAGARA, Daniel Daniel. *Didáctica Geral: Aprender a - Ensino à Distancia.* Universidade Pedagógica, Maputo.

PANTOJA, M. J. e BORGES – ANDRADE, J. E. *Estratégias de Aprendizagem no Trabalho em Diferentes Ocupações Profissionais* RAC – Electrónica, Curitiba, p. 41-62, Janeiro/Abril. 2009.

PETRUCCI, Valéria B. Cavalcanti e BATISTON, Renato Reis, *Estratégias e Ensino e Avaliação de Aprendizagem em Contabilidade. in* PELEIAS, Ivam Ricardo (Org.) *Didáctica do Ensino da Contabilidade*. São Paulo, Saraiva, 2006.

PILETTI, Claudino; *Didáctica Geral*, São Paulo, Ática, 23ª ed., 2004.

PILETTI, Nelson; *Psicologia Educacional*, São Paulo, Ática, 17ª ed., 2008.

QUIST, Dawn, *Métodos do Ensino Primário-Manual do Professor*, Maputo; 1ª ed., 2007.

REUCHLIN, Maurice. *A Orientação Escolar e Profissional*, Porto, Rê. 1976.

RIBEIRO, de Cassandra, *Metodologia e Organização do Projecto de Pesquisa,* Ceará, 2004.

RICHARDSON, Robert Jarry et.all. *Pesquisa Social – Métodos e Técnicas*, São Paulo, Atlas S.A, 3a ed. 2008.

ROCHA, Ana e FIGALGO, Zilda, *Psicologia – 12º Ano.* Lisboa, Texto, 2ª ed., 2002.

SAMARA, Beatriz Santos e BARROS, José Carlos, *Pesquisa de Marketing: conceitos e metodologia*. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 4ª ed., 2007.

SOUSA, Rocha. *Didáctica de Educação Visual*, Lisboa. 1995.

TAVARES, José e ALARCÃO, Isabel, *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra, Livraria Almadina, 1ª ed. 1985.

TRIOLA, Mário F. *Introdução à Estatística*, Rio de Janeiro. LTC, 9ª ed. 2005.